

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPIETÁRIO : MARIANO PINA

## PARIS

EDITION E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e pagamentos  
à David Corazzi, 132, Rue  
da Alayza, Lisboa, e no Brasil, ao Dr. José de  
Melo, 32, Rue da Quitanda, Rio de Janeiro,  
Pois os números à Paris, à France.

6º ANO. — VOLUME VI. — N.º 14

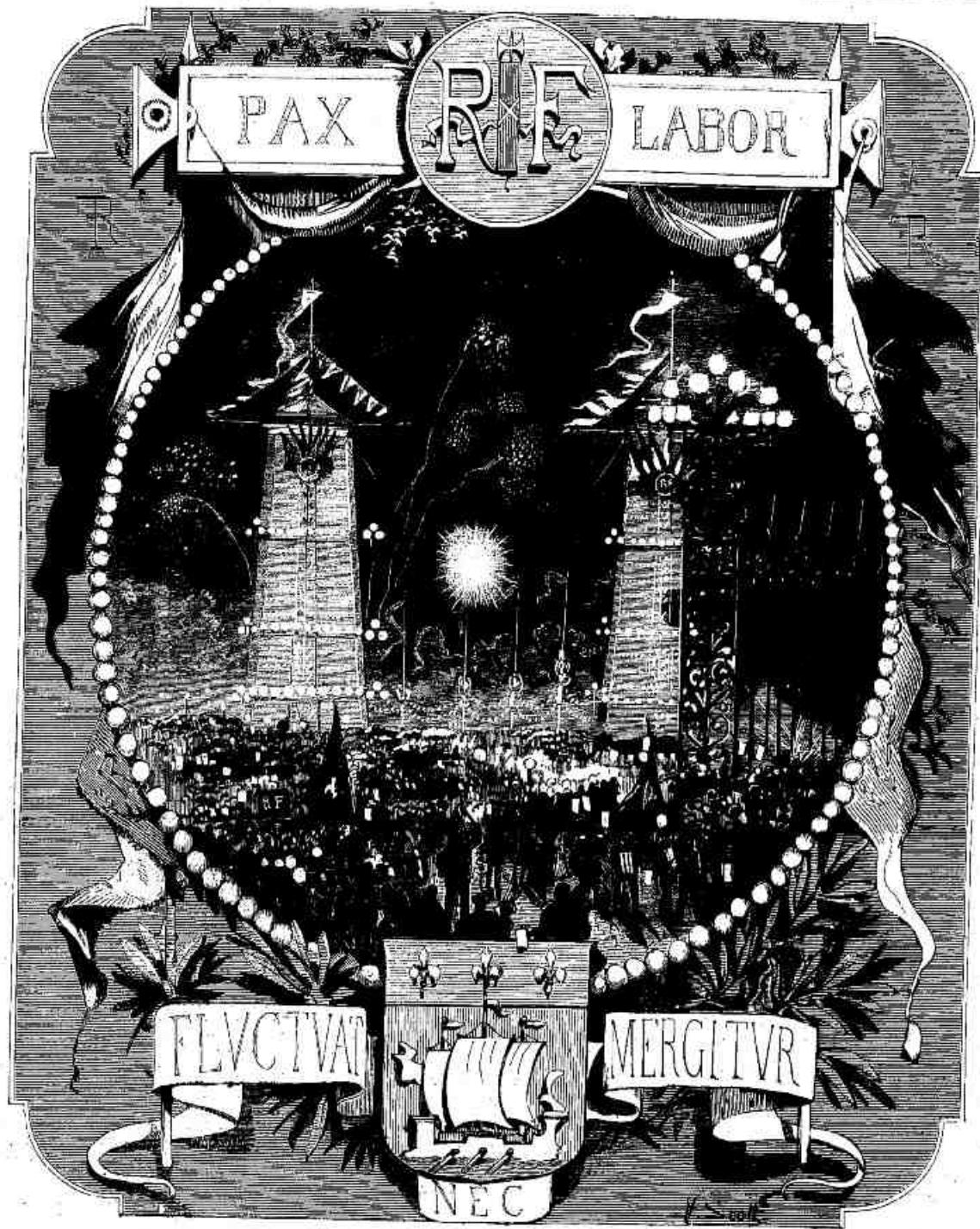
PARIS 20 DE JULHO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI

## RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSINATURAS :	
ANNO (CARTAS)	12.000 Réis.
SEMIESTRAS (CORRETE)	6.000 Réis.
ANOS (PROVINCIA)	14.000 —
AVULSO	500 —



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS FESTAS. — ILLUMINAÇÕES NO BOSQUE DE BOLENA.

# CHRONICA

## O PAVILHÃO PORTUGUÊS

**Q**UANDO em Maio d'esse anno, nas columnas do *Século* e nas páginas dos *Pontos nos ilhas*, no lado de Bordallo Pinheiro, nos punhamos **OUÇAM** todas as conveniências **que nos tinham prendido ali ali**, para os olhos para os interesses de Portugal, e entravamos em campanha contra o modo ridículo e iníquo com o sr. de Melicio, jornalista sem ideias, industrial sem industrias e visconde de honra, para cá, estava organizando representação de Portugal em pleno Campo de Marte, depois das mil e uma inépcias praticadas na famosa exposição da Avenida, — muita alarma de Deus que arrasou a sua mediocridade pelas correduras de São Carlos, nos tratou de invejosos, e ainda mais... de caluniatóres!

Houve mesmo um jornal, que no mais acesso da campanha, quando nós dizímos que era um insulto feito ao país, ver o sr. visconde um aristocrate doubleur de journaliste, como se lez chamar no *Globe bleu* da *L'igaro*, fingindo-se talvez descendente dos Lufres ou das Marialvas! ver o sr. Visconde dispor de *noventa contos* para mostrar a sua indústria em Paris, enquanto o governo não dava cinco reis, nem para uma exposição agrícola, nem para uma exposição colonial; — houve mesmo um periódico que se indignou por ver « quem ainda nada tinha feito », estar criticando tão duramente « quem já havia feito alguma coisa ».

Isto traduzido em meios que querer dizer:

— « O sr. Mariano Pina, que ainda não fez nenhuma exposição, não tem o direito de criticar o sr. Melicio, que já fez uma exposição na Avenida! »

Imagine o benevolo Leitor que o seu sapateiro lhe traz um par de botas; que as botas não só lhe não servem, mas também não estão ao seu gosto; que o benevolo Leitor comece a dizer mal do sapateiro; que o recuse; — e que o sapateiro lhe diz:

— « O sr. que nunca fez um par de botas, não tem o direito de dizer que estas botas estão mal feitas! »

Outro antes:

Imagine o benevolo Leitor que o submettem á tortura de ler um livro de *philosophia* e *literatura* do mestre *philosophus* *Centro Seixas*; que ao cabo da segunda página se sente atacado por terríveis mísseus; que ousa dizer aos seus algoritmos que esse livro é horrível e esse *philosophus* mais difícil de tomar, que um litro de óleo de fígados de bacalhau; e que lhe responder:

— « O sr. que nunca fez um livro, não tem o direito de dizer se este que está lendo é bom ou mau! »

O que o benevolo Leitor responderia n'esta circunstância, também eu poderia ter respondido ao jornal a qual falei, e cujo redactor em chefe aliás muito prezo e admiro.

E ainda podia responder: — que tendo visto várias exposições em Paris, uma exposição universal em Anvers, outra em Amsterdam, outra em Barcelona, e uma exposição italiana em Londres, me parecia ter elementos bastantes de critica para considerar como palaciosa a exposição industrial portuguesa, que o sr. Aristocrate double de journaliste organizou na Avenida da Liberdade...

E mais ainda podia responder: — que o jornal em questão não podia saber se eu era ou não capaz de fazer uma exposição, atendendo a que ainda nenhum governo do meu país praticou a loucura de pôr à minha disposição os inegociáveis cofres do Tesouro, como o havia feito (com loucura demais) com o supracitado sr. Visconde.

E ainda mais podia responder: — que o sr. Melicio para organizar mór de exposições, se havia recomendado ao governo pela sua qualidade de director proprietário de jornal. Ora essa profissão também eu exerce. Somente os resultados que cada um de nós obtém, é que são diferentes; — porque o sr. Melicio possue um jornal sem leitores, enquanto que este que

eu dirijo conta alguns milhares de assinantes...

A mim as arcas do Thesouro!

Isto dito de passagem, e sem a mais leve sombra de ressentimento ou de rancor, atendendo a que não ha maior asneira n'esta bala sobre a qual formigamos e apodrecemos, do que uma pessoa zangar-se ou affligr-se com as tolices ou as injúrias que praticam os seus semelhantes; — isto dito de passagem, parece-me que é do meu dever convidar aquelles dos meus contemporâneos que me trazem de inveja e de catinga, a visitar o Pavilhão português do qual d'Orsay, e a compor essa exposição agrícola e colonial com a tripla exposição das industrias portuguesas no Campo de Marte, organizada pelo aristocrate double d'un journaliste, que na rua de S. Francisco se chama Visconde de Deus que arrasou a sua mediocridade pelas correduras de São Carlos, nos tratou de invejosos, e ainda mais... de caluniatóres!

Ha cinco meses dirijo eu nas columnas do *Século* que nós só devíamos apresentar no Campo de Marte as riquezas da nossa agricultura e as riquezas das nossas colónias; que um país que exporta por anno cerca de 10 à 15:000 contos de vinho, e que basta todo a força da sua política externa na vastidão dos seus domínios d'Africa e Ásia, — só devia mostrar à Europa o que são os seus vinhos, e o que são as suas colónias, além de produtos tipicos da indústria puramente nacional, e não das industrias que nós assimilamos das industrias estrangeiras.

Isto que devia entrar pelos olhos de todos a gente, partiu o principio um absurdo e até uma calamita — para não desgostar o sr. Visconde de Melicio, soberano padrinho das causas de buzzos, dos quadros em missanga e em cunha, e de todas as armas reais portuguesas, em cítrico e trouxas d'ovos, que saem das mãos dos confeiteiros de Lisboa.

Mas a verdade proclamava nas columnas do *Século*, apoiado nas páginas dos *Pontos nos ilhas* pelo terrível e desfechado lápis de Bordallo Pinheiro, e apoiado depois por títulos ou por quasi todas os jornais de Lisboa — foi-se infiltrando... infiltrando... pelas chamas das regiões oficiais! — e à ultima hora chamou-se a Real Associação de Agricultura de Lisboa, a Delegação Vinicola do Norte, a Associação Commercial do Porto, o Museu Colonial de Lisboa e a Sociedade de Geografia de Lisboa, para colaborarem n'uma exposição agrícola e colonial em Paris.

E chamou: Raul Bordallo Pinheiro, o autor das maravilhosas fuyancas das Caldas da Rainha (de que não pouco caso patetico fazer o nosso Aristocrate double de journaliste) — para instalar essas nossas secções no Quai d'Orsay.

E no dia 10 de julho corrente abriu-se o Pavilhão português, que na vespere havia sido visitado pelo Presidente da Republiqua, que não poucou elogios aos organizadores da secção vinicola e da secção colonial, e a Bordallo Pinheiro pelo maravilhoso pintorcosas das suas decorações, e pelos variados primórdios das suas belas e deslumbrantes layettes. E no dia 10 de julho, para cima de 3:000 pessoas portuguesas e brasileiros de passagem em Paris, comissários estrangeiros junto da Exposição, jurados franceses e estrangeirassas varias classes, membros da imprensa francesa e extrangeira, artistas e homens de letras portugueses, brasileiros e franceses — para cima de 3:000 convidados pertencentes as diferentes salas do Pavilhão, maravilhoso, com a instalação, maravilhosa com a riqueza da nossa exposição de vinhos, de fayangas, de azulejos, de cortinas e de bibelots e arquignas.

Bim duas grandes mezes, uma collocada no rez-do-chão do anexo, outra collocada na sala do comité no primitivo andar, serviam-se aos convidados doces chegados expressamente de Portugal. Os nossos bellos vinhos do Porto, Madureira, Carcavelhos, Collares e Bucelas causavam as delícias dos franceses e dos estrangeiros. Só se ouviam palavras de admiração e eloção, pela brilhantissima exposição que se inaugurava n'aquelle dia, e que era uma tão bella amostra da riqueza e do piacereco do nosso Portugal...

E alguns portugueses illustres que tambem ali se achavam — velhos descrentes de exposições

portuguesas, e do bom gozo e do sentimento artístico do nosso geraçao, appoeados n'esta ordem de ideias por anteriores fuscos nossos, dentro e fora de Portugal, — eram os primeiros a aplaudirem os organizadores d'essa exposição, e a abraçar Bordallo Pinheiro pelo sucesso que elle acabava de obterem Paris, o que num hora vae trazer para o nome português...

\* \* \*  
E em quanto tempo se fez tudo isto?... Em menos de treze mezes!...

Em abril e maio convidaram-se os agricultores portugueses a concorrer á Exposição de Paris; collecccionaram-se e catalogaram-se os productos; meteram-se a bordo do Africa, que saiu a barra de Lisboa a caminho do Havre; enquanto Bordallo Pinheiro procurava em Lisboa e Porto elementos essencialmente portugueses para ornamentação do nosso pavilhão. E durante o mes de junho Bordallo ornamentava um pavilhão que occupa uma superficie de 300 metros quadrados, com rez-do-chão, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> andar, e mais um anexo de cerca de 300 metros quadrados, rez-do-chão e galeria. — começo quando a trabalhar ás cinco horas da manhã e terminando o seu dia ás 8 e 9 horas da noite!...

E n'uma semana os representantes das varias secções do Pavilhão — os Srs. Gerardo Augusto Pereira, Carlos Pinto Coelho de Castro, José Guilherme Macieira, Carlos Campos, Júlio Palmeirim (Real Associação de Agricultura), Visconde de Villar d'Alen (Delegação vinicola do Norte), John Anderssen Junior, Quinto Ribeiro (Associação Commercial do Porto), Luiz d'Andrade Corvo e Lezama (Museu Colonial de Lisboa) catalogavam e installavam todos os artigos dos exposidores de Portugal e das colónias, exposidores cujo numero é superior a 2:000!...

E em face d'esse colossal e patriótico esforço, tan nobremente e tão generosamente coadjuvado pelo actual governo e pelo seu fiscal o sr. Mariano de Carvalho, que eu pergonto agora os que por derreza das costas me chamaram invejoso e ciumento, o que fez o sr. Visconde de Melicio, durante nove meses, que te possa comparar ao trabalho, á actividade, ao patriotismo de que deram prova durante treze mezes as pessoas a que acima aludo?... Que novidades veio mostrar a Paris, além dos productos da indústria portuguesa que havia recolhido na Avenida? O que é que fez? Em que consumiu nove mezes, como commissario geral de Portugal?

Quem um amontoa d'essa tal actividade e desse famoso talento do sr. Visconde de Melicio, para organizar um exposição de industrias portuguesas... ora oicam:

Todos sabem que a arte typographica em Portugal tem attingido uma grande perfeição; e se nos faltam impressores de gravura, temos em compensação magnificos impressores de texto. Basta ver as belas edições da Imprensa nacional de Lisboa; da casa Castro e Irmão; da casa que editou ultimamente os Versos de Bernadim Ribeiro, prefaciados por Xavier da Cunha, e cujo nome agor me não ocorre; e das diferentes imprensas do Porto, donde saem livros primorosamente impressos.

A typographia portuguesa podia obter facilmente uma primitiva medalha em Paris. É uma das industrias mais florescentes de Portugal. Pois não só não temos um jurado portuguez p'ra defender n'esta classe os interesses dos nossos impressores, mas ate no catalogo oficial da Exposition, na classe de trabalhos typographicos, só figuram quatro nomes de exposidores! E sao os senhores:

- Lilleman, de Lisboa
- Zelino Rodrigues
- João Félix Pereira
- e Mendes e Costa (Gazeta dos Caminhos de ferro).

Já veem que tenho razão para me orgulhar e me não arrependo da campanha que euelei em março, nas columnas do *Século* e dos *Pontos nos ilhas*.

Custa-me ser desagradável seja com quem for. Mas acima da valade do sr. Visconde de Melicio, parece-me que ha coisa mais digna de respeito — o bom nome de Portugal!...

MARIANO PINA.

**ATRAVEZ DE PARIS**

Com este rítido conseguimos hoje uma série de crónicas que reservamos, d'um professor português que se oculta sob o pseudónimo de Gless. O cronista prossegue-nos que ha de ser da máxima justificabilidade com os nossos leitores. E' o que sinceramente desejamos, porque Gless é um escritor brillantíssimo, possuidor d'uma verve e d'uma phantasia rara entre os modernos prosaistas portugueses, quasi todos ou melancólicos, ou mafaricos, ou plangentes. Somente, que Gless fome cautela com a máscara, porque a Verve e a Phantasia podem trair-lhe. E se gosta de subversões práticas do mistério e da intriga, caçar com elas... Ah! responde-lhe, e as angustias da Ilustração gritam: com como? Ju te comiss, je te connais, benniquezque! □ N. N. da R.

**A ILLUSTRAÇÃO  
E A EXPOSIÇÃO DE PARIS**

Queríamos no presente número apresentar uma gravura representando a fachada do

**PAVILHÃO PORTUGUÉZ**

do Quai d'Orsay, onde se acham instaladas as nossas magníficas exposições de artilhos, pintos, licores, antigas colômias, e as maravilhosas fayangas de

**R. BORGES LÓO PINHEIRO**

que tamanzo sucesso estão obtevendo na grande Exposição.

Somente, o nosso desenhador não tem tempo bastante para terminar uma outra página, representando

**AS SALAS DO NOSSO PAVILHÃO,** essas salas tão esplendidamente ornamentadas com coisas portuguesas, gracas ao talento artístico e à grande originalidade de Bordallo. E desejando dar gravuras completas — num só numero — da brillante exposição portuguesa, reservamos para

**O PRÓXIMO NÚMERO**

a publicação dessas curiosas gravuras.

Por ali poderá ver o público português de quanto foi capaz Bordallo Pinheiro, e que importância tem a nossa exposição agrícola, gracas à preciosas e patrióticas cooperação da Real Associação de Agricultura de Lisboa; da Delegação Vinicola do Norte, e da Associação Commercial do Porto, representadas em Paris pelos Exmos. Srs. Gerardo Augusto Pery, Carlos Pinto Coelho de Castro, José Guilherme Macieira, visconde de Vilalba d'Almeida, John Andrade Junior, Mathieu Lugar, e J. M. Oliveira Ribeiro.

Por ali poderá ver o público quanto era justa a campanha em favor da nossa agricultura, sustentada nas colunas do Seculo pelo nosso director Manoel Pina, quando em março deste anno elle provou que se estava sacrificando a nossa verdadeira representação em Paris, à vaidade, à falsa Indústria, e à incapacidade do sr. visconde de Melicio.

Ficam portanto, para o proximo numero, as gravuras que irão de representar interior e exteriormente

**O PAVILHÃO PORTUGUÉZ**

Quanto à nossa secção industrial no Campo de Marte, organizada e instalada pelo sr. visconde de Melicio e seus colaboradores, basta ver em que termos a elia allude o nosso collega O Tempo, de Lisboa, em telegramma de Paris, publicado no dia 8 de julho:

«A nossa exposição industrial é muito menos que mediocre.»

Tal é a opinião franca e desassombrada do jornal de que é director Carlos Labo d'Avila.

**AS NOSSAS GRAVURAS****EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS GRANDES FESTEJOS.**

**A** NOSSA primeira página representa o aspecto da entrada do Bosque de Bolonha, num das últimas illuminações e festas campestres, dadas em honra dos comissários e expositores franceses e estrangeiros.

Paris tem o segredo das grandes festas públicas, — e a nossa gravura dá-lhe bem uma ideia ao público português e brasileiro, das maravilhas de iluminação e de decoração que se podem admirar apenas se transpontarem as grades do Bosque de Bolonha.

Decididamente a Exposição de 1889 ficará na História como um dos mais extraordinários acontecimentos do nosso século, e será o mais bello de todos os espetáculos que o nosso gênero será dado assistir.

**EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A VIAGEM DO TЕНENTE RUSSO ASSEEFF.**

A Exposição exerce cada vez mais sobre o mundo a seu irresistível atração. Todos os dias chegam a Paris representantes dos povos mais desconhecidos e mais afastados, e o registo do Figaro da torre Eiffel recolhe os nomes mais extravagantes, por exemplo: — Bukadar-Abdum, Amahulu Djang, Mod-Giess, Lakgum-N-Dani...

Mas de todos estes visitantes exóticos, o mais fascinante é sem dúvida o sr. Miguel Asseeff, que acaba de atravessar a Europa a cavalo, para vir à Exposição de Paris.

Que odysseia! e para melhor a compreenderem, transportem-se pelo pensamento à reunião de oficiais da cidade russa de Lunzby, no governo de Poltava. É à noite. Falla-se das maravilhas da Exposição de Paris; da imensa viagem que é preciso fazer, para chegar às margens do Sena... Um mapa da Europa está presente; segue-se com a vista o trajecto: primeiro as steppes; depois as planícies da Polónia; depois a infinita Silesia, e os montes da Bohemia, e a Baviera; toda a Alemanha; e só depois, para além do Rheno, é que se vê a França.

— O meu cavalo atravessou tudo isso num mês — diz um oficial.

— O seu cavalo rebentava a meio do caminho e o senhor tombava... O seu cavalo, que loucura!

E a discussão anima-se; fazem-se apostas: um fio de seda sobre o mapa indica a linha recta, a linha a seguir; as cabocas exaltam-se; e que não passava d'uma sonha torna-se num projecto; calculam-se as probabilidades de bom éxito.

No dia seguinte discute-se o caso; o coronel, consultado, submette-o ao ministro; o ministro falla ao Czar; e Czar toma interesse pela aventura; e é impossível recuar. O tenente Assuff põe-se a caminho...

Leva consigo os seus dois cavalos Diamar e Vlager; enquanto monta um, o outro segue-o, descalço, parando por vezes, para pastar alguma herba à beira da estrada, e ganhando em seguida a galope o avanço que tomou o companheiro.

Os três primeiros dias foram a passo; no quarto dia caminhou a trote durante cinco minutos em cada meia hora; depois, a velocidade foi aumentando, e chegou à marcha regular de onze quilometros por hora...

O tenente Assuff conseguiu assim conservar os animais de perfeita saúde. Nas paragens trattavelles da raça vigiando para que a raça do cevada e feno fosse sempre igual. Depois informava-se do caminho que devia seguir no dia seguinte, das paragens possíveis, das dificuldades que haveria a vencer. Dessa vez os cavalos tiveram de ser ferrados. Muitas vezes soaram os ferros de travessas d'um río, perdendo uma e duas horas em procura d'um vau; outras vezes o caminho era tão montanhoso e perigoso que era preciso voltar para traz.

E foi assim que o infantil sportman percorreu a Europa. Como estes cavaleiros phantásticos de

que falam as velhas lendas do Allemânia, assim o viram atravessar, os dois coros a galope, as aldeias perdidas da Polónia e da Silesia; depois as antigas e pitorescas cidades da Bohemia, sem se demorar um instante. Chegou depois no Rheno, atravessou o Luxemburgo diante dos burgueses espantados, e entrou em França, por Longwy. Na tarde do dia 30, vir de Livry, no horizonte, a silhueta da Torre Eiffel... e almejado fim!

E chegou finalmente a Paris, depois de ter andado trezentas e trinta e nove horas a cavalo!...

Parece-nos que os nossos leitores vão de gostar de conhecer a physionomia d'este arrojado e simpático oficial russo.

**EXPOSIÇÃO DE PARIS.****A VIAGEM DO SR. LOEWY, NO CARRO 652, DE VIENNA A PARIS.**

Percorrer de trem a enorme distância de 1:250 kilómetros, e fazer assim em vinte e um dias o enorme trajeto que separa Paris da formosa capital da Áustria, tal é arrojo originalíssimo que acaba

**MORITZ LEWY**

de praticar um dos nossos colegas da imprensa vienense — o sr. Lewy.

O sr. Lewy faz parte da redacção do Extrablaat, Saino de Viena no dia 1 de junho ao meio dia, para vir ver a Exposição Universal, e chegou a Paris no dia 22 de junho, às dez horas e meia da manhã.

Foi o cocheiro Edelmann quem conduziu o jornalista durante esta longa viagem. O trem de que se serviu tem o numero 652.

Muitos membros da imprensa parisiense e estrangeira, entre os quais se achava um representante da nossa Ilustração, fizeram esperar aquelle jornalista às portas de Paris. Este nosso colega austriaco é um homem de trinta e tantos annos, baixo, e correcto. Vinha em costume de touriste tyrolez. Estava um pouco queimado com estes vinte e um dias de viagens, tendo descansado em cinco-entos ou

**EDELMANN**

sessenta cidades e aldeias austriacas e francesas. Atravessou certos regatos extravagantes, onde olhavam para o viajante e para o cocheiro como se fossem criaturas d'um outro mundo. Em Strasbourg uma medonha tempestade lhe dando cabo do carro. De cada paragem, o sr. Lewy escrevia um artigo para o Extrablaat, e todos formam vinte e quatro volumes interessantíssimo.

O cocheiro é um bello tipo de cocheiro vienense. Não sabe uma palavra de francês.

Quando o sr. Lewy chegou ao pavilhão da Im-



MIGUEL ASSEEFF, TENENTE DE DRAGÖES RUSOS, COM Diana e Vlaga, CAVALLOS DE TROPA, VENO DE LUDENY (POLTAVA) A PARIS, EM 30 DIAS.

prensa, no Campo de Marte, dentro da Exposição, foi calorosamente aclamado por todos os jornalistas e mais pessoas presentes.

Foi-lhe depois oferecido um almoço, para o qual também foi convidado o cocheiro.

Foi a mesma parelha que saiu de Vienna, que conduziu a Paris o sr. Löwy. Os cavalos não traziam mais do que a pelle e o osso...

Offerecemos a ideia d'uma viagem idêntica a Paris, a algum amador de excentricidades, que por acaso haja em Lisboa. Com um dos nossos batedores de Cintra, talvez deixassemos a perder de vista a aventura do cocheiro vienense...

#### O CENTENARIO DE 1789 EM NOVA-YORK

Não é só Paris que acaba de celebrar o centenário d'essa data gloriosa para a história da França e da Humanidade.

Também Nova-York celebrou nos dias 19 e 30 de abril e 1º de maio findos a gloriosa data de 1789, que é o centenario da eleição de Washington a primeiro presidente dos novos Estados Unidos.



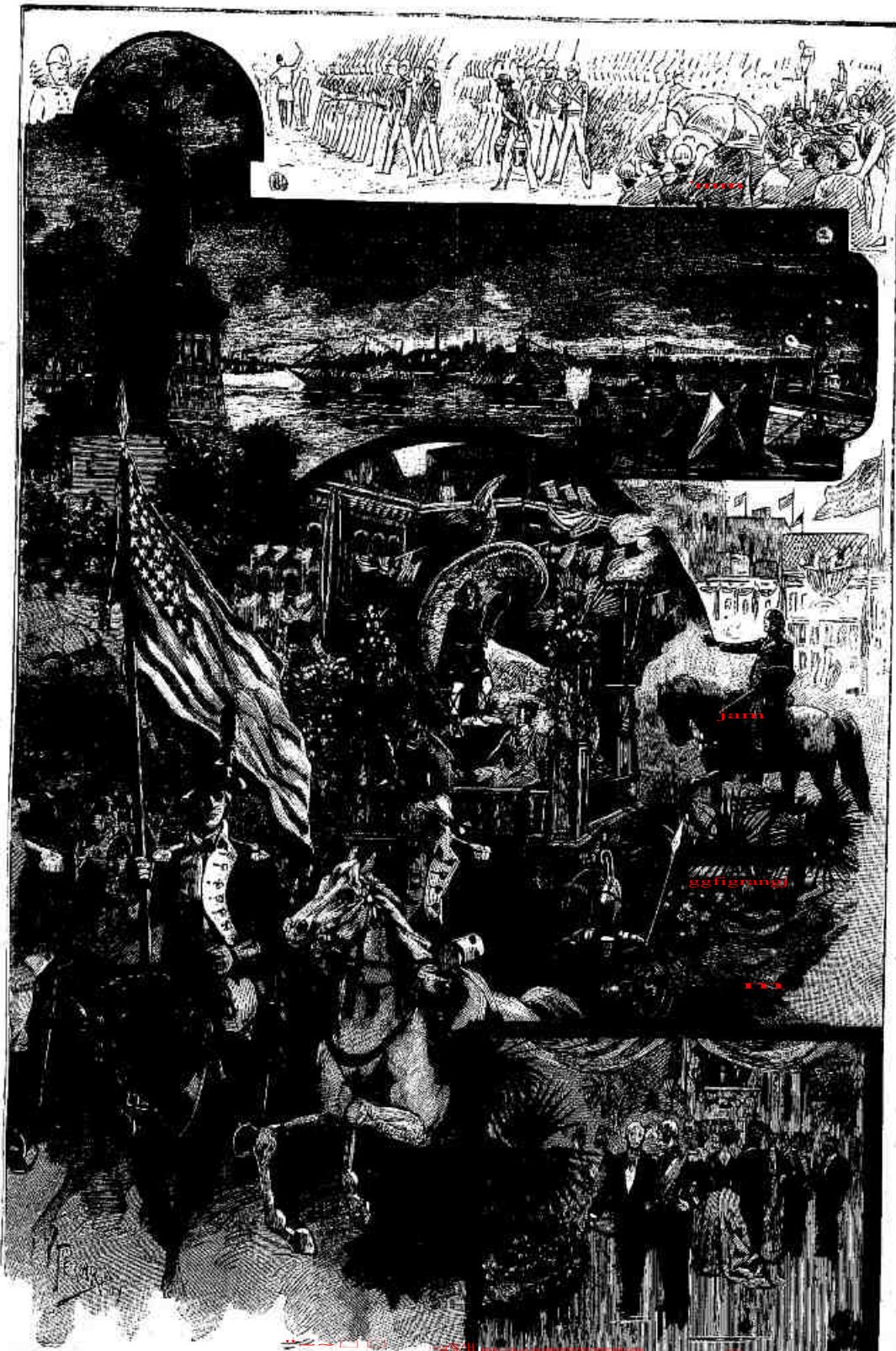
MIGUEL ASSEEFF

da America, — o grande cidadão a quem a America do Norte deve a sua independência. Foi no dia 14 de abril de 1789 que o Congresso reunido em Nova-York o elegeu presidente. E como nesse tempo ainda se estava longe da viagem acelerada e dos prodígios dos caminhos de ferro e do telegrapho, consumiram-se quinze dias em participar os resultados da eleição a Washington, e em este fazer a sua viagem até Nova-York, numa velha carruola que ainda hoje existe num museu da America, e que figurou no ultimo cortejo cívico. Washington entrou em Nova-York no dia 19 d'abril.

Mais de trez milhões de curiosos affluíram à capital para assistir aos festejos do centenario. A parada naval obteve um enorme sucesso, com o manobrar de 1700 navios de todos os gêneros, navios de guerra, vapores d'aliadega, navios especiais da polícia da baía, robocadores, yuchis a vapor, yachts com velas, veleiros do commercio, imensos *ferry-boats* e barcos de transporte e de excursão, todos armados com milhares de bandeiras de todas as nações, e manobrados com imensa maestria, desde *Elisabeth-port* até ao pé de *Wall Street*, justamente



MORITZ LÖWY, REDATOR DO *Extrablatt*, VENO DE VIENNA A PARIS EM 21 DIAS, CONDUZIDO POR EDELMANN, COCHEIRO DO CARRO 652.



19. O 7<sup>o</sup> Réspaldo N.Y. — 2. Fábrica nova na baixa St. John's Park — 3. Esfílio de Washington no Union Square. — 4. Corso António na parada da Pás. — 5. Baile na Grande Oiva.

O CENTENAVARIO DE 1789, EM NOVA-YORK.

debaixo da colosal ponte de Brooklyn, donde milhares de 60.000 curiosos contemplavam este espetáculo verdadeiramente único no mundo.

Também se realizou uma grande revista de 52.000 homens de tropas de todos os Estados da União e 75.000 pertencendo a todas as indústrias americanas symbolizadas por carros d'uma riqueza extrema. E à noite um banquete de 800 tulheres reuniu na sala da Ópera todas as autoridades federais, e os governadores dos diversos Estados, aclamados de dia à frente das suas respectivas tropas.

#### EXPOSIÇÃO DE PARIS — BELLAS-ARTES

*« O Filho da Virgem »*

Diz assim uma antiga romântica francesa, que nos acúdio à memória ao desparirmos no palácio de Bellas-Artes com o delicioso quadro de H. Lucas.

*Pauvre fil qu'auantrefois ma jeune réverie  
Naïve enfant  
Croyait abandonné par la Vierge Marie  
Au gré du vent...»*

A divina criatura que estava flanado, fatigada com o trabalho d'um dia inteiro, procurou a frescura da turfe sobre o terraço donde se exibia uma risonha paisagem do Oriente, Adormeceu... Sohro os monstros que se estabeleceram no crepúsculo, a lúa ergue-se... e sobre o universal silêncio que se estendeu todos os lados. Algumas andorinhas vieram posar na roda, para buscar fios de linho com que atapetar os ninhos. E os filos espalham-se e fluctuam no ar tepido; e o vento leva-os para longe...

*Pauvre fil  
Viens-tu de Bethléem, la bourgade bénie?*

continua ainda a romântica.

E na nossa memória a romântica veio surgindo, à proporção que olhámos para o poético quadro que o pintor executou com tanta graça e tanto talento, — quadro que é um dos mais apreciados na exposição do Campo de Marte, por entre as bellissimas das mais modernas pinturas francesas.

Consecutivamente íremos mostrando aos nossos leitores outros quadros em exposição nas gabinetes do Campo de Marte, — sendo as reproduções pela gravura, todas confiadas ao ilustre artista que se chama Ch. Baudé, e a qual a ILLUSTRAÇÃO deve as suas mais brilhantes páginas.

#### EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

Terminamos hoje a magnífica coleção de gravuras executadas sobre bellos desenhos de M. Bertheau, e na qual os nossos leitores poderão admirar todos os primeiros arquitectónicos que M. Charles Garnier, o celebre arquitecto da grande Ópera de Paris, construiu nas proximidades da Torre Eiffel, sob o título geral da *História da habitação humana*.

Bem sabemos que a obra de M. Garnier foi muito discutida e muito criticada por vários arquitectos franceses, e que ainda ultimamente na *Revue scientifique* se fallava com certo azedume do sr. Garnier, considerando a sua História mais como um brinquedo para adultos, do que como uma lição de arquitectura comparada.

Isto não impede que a coleção arquitectónica do sr. Charles Garnier não receba os aplausos e não seja objecto de admiração de todos quantos visitam o Campo de Marte.

Na presente gravura merece especial menção a casa árabe do século XVI; a da ciosa casa chinesa, admiravelmente ornamentada no interior; e as habitações dos alegres e dos incas.



Com esta gravura da historiada habitação temos terminada uma das mais interessantes visitas à Exposição de Paris.

Vamos agora procurar assumpto para outro lado, que assumpto não falta, e do mais bello, e do mais curioso.

O que sentimos deveras é que o nosso jornal em vez de duas vezes por mês, não saia quatro vezes, — para assim darmos saída a todos os curiosos assumptos e gravuras que sempre nos ficam de lado.

Mas isto não depende de nós, — depende da vontade dos nossos assignatários.

Que ellos nos digam se querem a ILLUSTRAÇÃO trez ou quatro vezes por mês, e logo satisfaremos o seu desejo!

#### EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O THEATRO ANNAMITA.

A critica dramática parisiense assistiu ultimamente na Esplanada dos Invalidos à primeira representação do *Rei de Duong*, com o mesmo intérprete, ou talvez com maior interesse, com quo assistiu à uma primeira representação d'uma peça de Augier ou de Dumas filho.

Não se riem, e, não duvidem de que lhe dizemos... Uma critica profissional, tendo a compreensão exacta da sua missão, não poderia proceder d'outro modo.

O teatro annamita era uma revelação para a Europa, e é muito mais curioso saber como é que os povos do Extremo-Oriente comprehendem a arte dramática, quais são os processos para fazer vibrar um público da Ásia, do que ver mais uma peça dos nossos autores europeus, onde de novo se repetiriam todos os erros e todas as futilidades conhecidas.

A primeira representação do *Rei de Duong* pelos actores annamitas, foi pois acolhida com grande curiosidade pela critica parisiense, ávida de novas sensações.

O espectáculo é dos mais imprevistos.

A representação começa por um barulho infernal de tam-tam, de gongs, de trombetas, e de ferros...

Abre-se um reposteiro, e um homem — um monstro de maxilar impossível, e de longas barbas — precipita-se sobre a cena. Não terra, uiva; não gesticula, contorce-se; e enquanto procura dominar com a voz o barulho da orquestra infernal, o bomba faz-se ouvir, medianamente surzido por um passante selvagem.

Um segundo personagem aparece; e são as mesmas contracções, os mesmos rivos, — enquanto um coreteiro atravessa o palco, agitando bandeiros e guardas-chuvas, d'uma riqueza deslumbrante... Depois assiste-se a uma batinha, lanças que se agitam, e grandes sabres recuados que cortam as cabeças das massas pinicadas. Os cadáveres entram em cena, o barulho infernal augmenta, um grave contraregra de toga preta avança para a hoca do palco e solta algumas palavras. E o entreacto.

E enquanto o público parisiense que invadira a sala, acha o espetáculo horrível e irô de drama e dos actores — o pitoresco público dos filhos da Ásia, que provis agora à Esplanada dos Invalidos, segue com avidez, com emoção, e no mais religioso silêncio, as extraordinárias aventuras do bom rei de Duong, Ly-Tieng-Luong.

D'uma das scènes do drama tirou o nosso colaborador Adrien Marie o curioso desenho que hoje oferecemos ao público.

#### ESPECTACULOS PARISIENSES. — O LIAO O CAVALHO E O CÃO

No magnífico recinto do Hippodrome parisiense, provincianos e estrangeiros admiraram agora todas as boites o mais original e curioso espectáculo.

Trata-se d'um liaó, ainda novo, mas já possuidor d'uma queixada assaz inquietadora, dotado d'um carácter muito pouco suave, e que executa exercícios de mais alta novidade.

O domador da fera ensinou-lhe a saltar sobre o dorso d'um cavalo na carreira, e a dar saltos e a fazer piruetas como se fôra um *deuxier de prolifération*. Enquanto que um cão *daunoi*, igualmente adestrado, segue passo a passo o cavalo e o liaó; e estes três companheiros, sob o olhar vigilante do habil domador, parecem ser os melhores amigos de toda a criação.

É d'este original e curiosíssimo espetáculo que d'uma viva idéia o desenho do nosso ilustre colaborador Adrien Marie, — espetáculo que por si só também constitue uma das curiosidades de Paris, n'este momento regurgitante de *touristes*.

#### EXPOSIÇÃO DE PARIS. — CABANA DOS KABYLES

O nosso desenho representa uma das mil curiosidades ethnográficas de que está cheia a Esplanada dos Invalidos, onde todos admiraram a maravilhosa Exposição colonial francesa.

É sobretudo o espetáculo preferido das senhoras e das crianças, esta variedade de aldeias indígenas, estas cabanas do estado primitivo da habitação, onde se vêem os mais interessantes exemplares da grande família humana — exemplares chegados de todos os pontos do globo.

A aldeia dos Kabyles é um dos pontos que mais atrai a curiosidade dos visitantes.



#### A TRAVÉZ DE PARIS

As apresentações do estilo. — A necessidade d'um olho d'aqueles e d'outro mar. — A venda Secretan. — Vinte milhões que mudam de burra. — Um leão agitado. — Albert Wolff deixa Inglaterra. — O medo de utilizar um Rogenho. — Paul Bourget em « Dilecto » — O leão do Hippodrome. — A Tempestade.

Julho 1884.

**O** MEU horror pelos preambulos embarga-me a pena no momento em que seria talvez decente dizer-lhes que convoco ao director da ILLUSTRAÇÃO, (um homem bem amável, por sinal, não sei se o conhecem), encorregar-me de lhes contar em cada numero alguma coisa do que se passou em Paris desde o numero precedente. A vero é não é tão fácil, como se julga, permitir-me esta vaidosa declaração. A dificuldade, aquilla a que eu, se fosse um eruditó, chamaria eloquientemente o *babilis*, é operar na chusma dos acontecimentos que se atropellam e se confundem no espaço de 24 horas uma seleção hábil, que permite eliminar tudo o que não possue senão um interesse local e privativo d'esta grande fábrica de surpresas e novidades que se chama Paris. A natureza das minhas funcões de cronista d'um jornal feito para ser lido longe de França condemna-me pois ao *artigo de exportação* que nem sempre é de primeira qualidade, nem o que Paris produz de melhor; e é com um olho luso-brasileiro que eu tenho de ver as coisas e descrever os factos. Tratarei pois de adquirir o mais cedo possível a quelle orgão internacional, desconhecido dos ocultistas, e procurarei quanto possível afeiçoa-lo à missão de que me incumbiu o homem amável a quem me referi ha pouco.

O facto da quinzena, aquelle a quem pertence as horas da chronica, é incontestavelmente a venda Secretan.

Este snr. Secretan, que tinha mais de 20 milhões de fortuna, um palácio dos mil e uma noites, a mais bella colleção de quadros da Europa, é que d'um momento para o outro perde tudo isto n'um golpe de Bolsa, parece-me pouco interessante. Que andava elle a fazer n'aquelle galéra, como diria Geronte? Mesmo n'este instante do seculo, em que o mais ingenuo repólio está pela hora da morte, vinte milhões sacariam os cincuenta e tantos herótes de Panurge, e de Gargantua e da bella Babedoc. E se perguntar a mim proprio, sem conseguir responder-me satisfactoriamente, o que é que n'este planeta mercantil se não poderia comprar com tão redonda e mirobolante quantia, cuja oferta se elles vivessem hoje, faria vacilar Catão e deixar Jeanne d'Arc pensativa.

O snr. Secretan não o entendeu porém assim, e é precisamente n'isto que se difere uma grande senhora da finança d'um reles pluriativo. A necessidade de possuir trinta milhões em vez de vinte parece-lhe imprevisível, e d'ahi resultou aquella phantastica concepção do monopólio do cobre e o *Krach* resultante. O tempo de dizer *ouf* e os vinte milhões do snr. Secretan mudaram de burra. Ao passo que isto sucedia, um *coulisier* executado semanas antes no *Krach* do Panama ganhou pouco mais ou menos outroat. Decididamente a Bolsa é uma grande instituição.

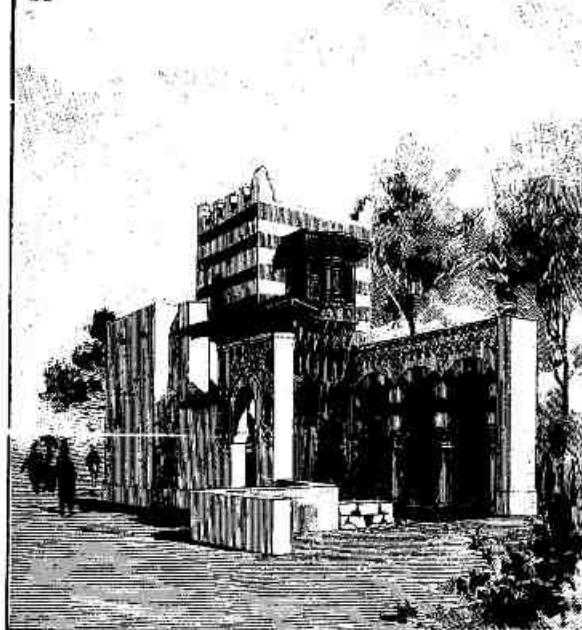
Eis polo disperso aos 4 ventos a famosa coleção que era uma das maravilhas de Paris. Lembro-me de que uma vez, conversando com o conde Daupias, no seu magnifico palácio do Colvario, como eu me extasiasse deante das ri-



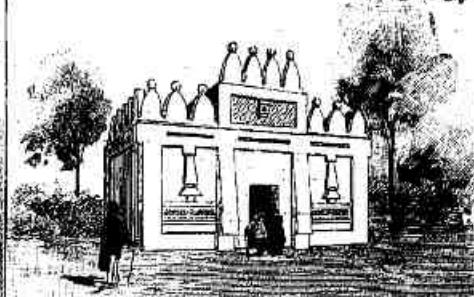
EXPOSIÇÃO DE PARIS. — BELLAS-ARTES. — O FIO DA VIRGEM — Quadro de H. Lecocq.

(Gravura de Ch. Baudot)

23



24



26



27



28



29



24. Cita árabe do séc. XV. — 24. Casa muçulmana no Spurz. — 25. Casa japonesa. — 26. Casa chinesa. — 27. Cabanas dos Pelas-Vermelhas. — 28. Casa dos arqueiros antigo de Fernando Cortez. — 29. Casa dos leões antigo de Pisa.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

(Continua da página anterior da « Ilustração ».)

quezas artísticas ali accumulatedas, lhe ouviu a ele dizer, com um accento quasi desconsolado: « — Ao pé da galeria Sacerdotum, isto é uma cabana de pescadores! » Oh! o amor d'ella e uma cabana assim! Como eu te comprehenderia entio, ô Lomontine!

A pergunta d'este colleccão sem rival era como sabem o *Angelas* de Miller, que foi adjudicado por meio milhão de francos, mais uma pequena fracção insignificante que faria todavia a minha independência. Houve uma luctu veemente em torno da obra-prima cubista por uma formidável associação de criadores de porcos de Chicago, e um não menos acentuado syndicato de expedidores de cartes gráficas, de Nova York, limited, que costumam arrematar por grosso a arte francesa, apezar dos 35 o/o ad valorem com que a alfandega da mais livre república do mundo collecta a referido arte à sua chegada ao continente estrelado.

O Louvre, por intermedio da loira e penteadas pessoa do sr. Proust, ex-ministro, deu batido ao porco vivo e aos sorvetes de bisão do Kentucky. O exiguo franco contra o corpuleto d'ella! Foi um brillante recontro, hósc, meus senhores!

Como sabem o dollar ficou vencido. Quando o sr. Proust lançou o seu estridente, bruto de guerra — 332 mil francos! — o bisão baixou a cerviz e o sr. Albert Wolff desprendeu uma lágrima. Esta lágrima de Wolff, por elle engastada n'um Corvo de Paris e oferecida à contemplação do mundo, é uma das grandes facetas da estação! Wolff commovido, oh minha mente! Cincoentos annos de vida alrada, de batota, de pandaga infame, podiam ter couraçado contra as emões delicadas este paradigma da sensibilidade. Pois não senhor; no momento psychologico, elle sentiu ao canto do oitavo *quincunx* colo de humido, como se diz nos romances do sr. Ohnet. Foi a ver, e era uma lágrima! Eis aqui um homom bem conservado, e com glandulas para muito tempo alrada! Granitic fascista!

(importa-me pouco saber se o *Angelas* vale ou não o meio milhão, [além da fracção que me faria feliz] e se foi ou não um louvre adquirido por tão alto preço. Conheço vários cauteiros que estão a estas horas profundamente escandalizados e que vociferam contra o despedido. Immobilisor o Estado viu mil francos de renda em meio metro quadrado de lona! Estes pitorescos salafaristas admitem todavia que o Estado immobilize, não meio milhão, mas visto na maioria estupidez e inutil coisa d'este mundo, n'essa monstruosidade miserável que se chama o *Regeante*, bonzo inerte e ocioso que ha com annos vive a esquarrinchar hipsters plurícoros num estojo de velludo, para grande pasmaceira dos ingleses de fato de quadrinhos, e para que os empregados encarregados de o exporem à boquiabertura britanica se façam *leur-sperites* remes — como se diz na *Gran duqueza*.

Conhecerem alguma coisa de mais idiota do que um grande diamante? E' a estupidez cristalizada, a obusidade em facetas, a brutez feita pedra preciosa, bô para enfeitar cocotes ou para iluminar o peito de *rastafuorées*. Propomho que se venuha em hasta pública o *Regeante*, e que se comprem com os vinte milhões que elle produziu os quarenta quadros de Miller que estão nos Estados Unidos. Wolff será conviado para as diferentes negociações, e encarregado de ensopar o seu lenço no momento psychologico.

Bouquet fez mal em publicar agora o seu *Divulcado*. N'este colossal rumor de fofia que se exulta da Exposição, ameaça passar despercebido o seu novo estudo, o mais profundo, o mais minucioso, a que jamais se entregou este paciente illuminurista do coração humano. E' em toda a acção da palavra um bello e forte

livro que convém ler devagar, pouco e pouco, pausando de vez em quando sobre a mesa, repassando depois na memória, recordando as phrases que nos feriram, e analysando os sentimentos que elles acordaram em nós.

Eis o assunto do romance em poucas palavras.

O philosopho Adriano Sixto, author do *Philosophie da Vontade* e de varias outras obras-primas de psychologia pessimista, tem um admirador profundo e um discípulo ardente na pessoa d'um jovem professor que está encarregado da educação d'um estudante e que vive com a família d'este. Esse familia compõe-se do pai, velho egoista, du mae, pessoa insignificante e passive, d'um filho, capitão decadavaria, carácter franco e generoso, d'uma filha, modelo de inocencia e de candura, e finalmente do pequeno cuja educação está a cargo do professor. Este, em obediencia à teoria de que as paixões humanas são experiencias que convém estudar scientificamente, diversifica em seduzir a poite menina, para se oferecer a satisfação de consignar todos os dias num livro de notes as observações que lhe sugere esta aventura amorosa. Intelligent, de aspecto agradável, a victoria é-lhe facil. Uma noite, ve entrar no seu quarto a vítima das suas experiências psychologicas que se lhe entrega sob a condição de que, horas depois, morrerem ambos explodindo a fábia que commetem. A noite passa naturalmente como um relâmpago, quando o dia chega, o nosso homem recusa-se a cumprir o juramento feito. Desiludido, despedigado de dor e de vergonha, a paixão foge-lhe dos braços e mata-se, não sem ter contado n'uma carta ao irmão, ausente n'uma guardião longínqua, o triste romance do seu amor.

O drama complica-se d'uma peripécia drámatica. O sedutor é acusado de haver assassinado a menina, e todos os indícios o accusam do crime. Só o irmão da vítima conhece a verdade e pode testimoniar a inocencia do réu. Mas formecer tal prova é deshortar a memória da irma; occultada, é deixar condemnar um homom materialmente inocente d'um crime, embora fosse o seu author moral. Ha aqui uma lucta de commagres que inspira a Bourget paginas sublimes. O sentimento de horror prevalece. A carta da suicida é comunicada ao tribunal. O discípulo de Adriano Sixte é absolvido, mas ao sahir da audiencia d'um rosto com o lenão da sua vítima, que, com um tiro de revolver, lhe faz saltar os miolos! — Fiz justiça! — exclama elle.

Eis em poucas palavras este romance singular, extraño, violento, apaixonado, cuja leitura evoca a recordação d'um crime recente, o celebre processo Chambige, que decreto se não apagou ainda da memória das nossas leitoras.

Um leão montado n'um cavalo é uma coisa que se não vê todos os dias, mas que actualmente se pode ver todas as noites no Hippodromo. Não lhes direi que seja um espectáculo tão suggestivo como um romance de Bourget e que se volte para casa, depois de o contemplar, com o espírito agitado ao choque de idéias profundas. Em compensação, tem-se uma surpresa, e já não é pouco por este tempo de coisas vistas que está corrente. Um leão verdadeiro, em carne e ossos, com todos os attributos da realza, bôa garrá, bom dentice, juba espessa, olho suficientemente feroz, a fazer habilidades d'escrúpulo e a furar recos de papel em cima d'um palco corsel de circo — digam lá o que disserem, é um espectáculo bom para a digestão, nada atentatório do moral publico, e por isso muito recomendavel aos chefes de famílias forasteiros que queriam divertir suas filhas casadoras. Ali fica a reclame que é de resto grauita, palavra de honra.

Dos outros theatros de Paris, nada lhes direi, porque a quinzena finda, além da qual me não

permitti irradiar, não trouxe outras novidades de alor da *Tempestade*, bailado de Ambroise Thomas, assumpto exorbitado da peça assim denominada d'um certo Shakespeare, de quem talvez tenham ouvidio falar vagamente.

A musica é deliciosa e a miscensação explenida. Recomendolhes um certo baixel, que se vê surgir das ondas no ultimo acto, e caminhar para o espectador, todo coberto de flammulas, com uma tripluição de mulheres lindissimas nas verdes, e cinglido de grinaldas feitas de corpos semi-nus entrelaçados, que lhes guarnecem os flancos em festões e ora emergem, ora se escondem na espuma. E' de fazer suar o binocolo mais casto.

N. B. — Não convém as meninas casadoras.

GIESS.

## OS MORANGOS

I

**U**MA boranha de ar fresco soprou-me no rosto, quando eu abri a minha janela por uma esplêndida manhã de junho. A noite houvera violenta trovosa e agotou o céu parecia novo, com o azul suave, lavado inicamente pelo aguaceiro.

O climo das casas, as árvores, cujas elevadas ramagens appareciam por entre as chaminés, estavam ainda lavadas de chuva, e este pedaço do horizonte que eu abrigava com a vista, sorria os doutrinários beijos do sol.

Dos jardins proximos exhalavasse um agradável cheiro de terra molhada.

— Vamos, Nimon, põe o teu chapéu, filha... Vamos ao campo, disse eu muito alegre.

E elle bateu palmas de contente. Em dez minutos vestiu-se, o que é admirável em uma coquette de vinte annos.

As 9 horas estavam no bosque de Verrière.

H

Que discretos bosques! Quantos namorados não tem passado alli horas felizes! e amor! Durante todas as semanas as matas estão desertas, pode-se andar à vontade, justinho, braços entrelaçados à clinura, os labios pedindo beijos, sem outro perigo que não seja o olhar da routineira das baixarinhas. Altas e largas estendem-se as alemedas por entre as grandes matas: um tapete de mimosa relva sólida e sol, onde o sol, coadunado pelas claras da folhagem, salpica palhetas de ouro. Ha caminhos profundos, estreitos e sombrios veredas, em que é preciso andar-se unido; e ainda, massigas impenetráveis, onde pode a gente perder-se, se pipilam de mais os beijos.

Nimon deixava meu braço e contia como uma toninha, satisfeita de sentir a herva roçar-lhe os artelhos. Logo voltava e descanhia sobre o meu bumbo, moiga e fatigada.

E o bosque continuava a espremer-se, immenso oceano com ondas de verdura.

O silêncio que assustava, a sombra viva caudada das grandes árvores, estonteava-nos e embrigava-nos com toda a seiva ardente da primavera. Tornasse a gente creançau no mistério da floresta.

— Morangos, morangos! gritou Nimon, saltando um fosso ainda como um carneirinho fúgio, e esquadinhando as moitas.

II

Ah, não eram morangos, mas morangueiros, um vasto taboleiro d'elles que se ostentava debaixo do silvado.

Nimon nem pensava mais nos bichos que tanto medo lhe inspiravam.

Introduzi confiadamente as mãos por entre o manto, revistando folhas por folhas, desesperada, de não encontrar o menor fruto.

— Chegámos muito tarde, lograram-nos, disse-me ella, fazendo uns beicinhos de zangado...

— Vamos procurar bem, ainda ha de haver algumas com certeza.

E puzemo-nos a procurar com uma consciência exemplar. O corpo dobrado, pescoço inclinado, olhos atentos no chão, andavam devagar, com passos miudos, cautelosos, sem arriscar uma palavra se quer, com medo da afugentar os morangos.

E quecemos tudo, a floresta, o silêncio, a sombra, as grandes árvores e os trilhos estreitos.

Agora eram morangos, só morangos. A cada tufo que encontravam, abuxavam-nos e nas suas mãos tremulas, tocavam-se por baixo das folhas.

Andámos assim mais de uma legua, curvados, indo ora para a direita, ora para a esquerda; porém nada de morangos, apenas soberbos morangueiros, com belas folhas verdes escuros. Eu vi Nинon morder os beijos e seus olhos encheram-se de lagrymas.

#### IV

Chegamos em frente de uma larga escarpa, onde o sol caia a prumo, espalhando um calor pesado. Nинon approximou-se do talude, decidida a não mais procurar morangos. De repente deu um grito agudo. Eu corri assustado, julgando que ella se tinha ferido. Encontrei-a de co-coras; a emoção prosseguira-a, e ella mostrava-me com um dedo, um pequeno morango do tamanho de uma pera e maduro sômenie de um lindo.

— Apanha-o, disse-me com voz baixa e curinhosa.

Assentei-me junto d'ella, no sopé da escarpa.

— Não, respondi, apanha-o tu, não fui eu que o achei.

— Apanha-o para mim, sim?

— Não.

Tanto e tão bem me esquivei que, afinal, Nинon resolvou cortar com a unha o talo da fruta. Tivemos, porém, outra história para saber qual de nós comeria essa frutinha que nos havia custado uma boa hora de trabalho. Nинon queria por força que eu comesse. Eu resistia, mas depois acabei por consentir e resolvemos que o morango seria partido ao meio. Ela então levou a fruta à boca, dizendo-me com um sorriso:

— Vamos, toma o teu.

Tomei o que me cabia. Não sei se a frutinha foi repartida igualmente. Não sei mesmo se senti o gosto do morango, tão doce me pareceu o meu beijo de Nинon.

#### V

A ladaria estava coberta de morangueiros e estes então eram bons.

Estendemos um lençol branco no chão, e jurámos solemnemente depositar ali tudo o que aranjassemos sem comer uma só fruta.

Todavia, em diversas vezes, quando vinha deitar os meus morangos no lençol, vi Nинon levar a mão aos lábios.

Quando acabámos o trabalho decidimos que era tempo de procurar um canto de sombra para almoçarmos à vontade.

A alguns passos d'ali deparou-se-me um retiro encantador, verdadeiro ninho de folheda. O lençol foi religiosamente colocado ao nosso lado.

Ol! como se estava bem ali, sobre o musgo, na voluptuosa frescura verde! Nинon olhava com os olhos humidos. O sol havia-lhe roido suavemente o colo. Vendo o meu olhar todo tormura, ella inclinou-se para mim, estendendo-me as mãos com um gesto de adorável abandono.

O sol, inundando de luz os altos arvoredos,

atirava a nossos pés lentejoulas de ouro sobre a macia relva.

As próprias toutinegras haviam emmulecido e volavam os nthos.

Quando procuramos os morangos para comez, qual não foi o nosso espanto, vendo que não tinhamos deixado mesmo em cima do lençol!

Emilio ZOLA.



## NOVICA

(VOLTA SOLTA)

**A** ESTREITA janella da sua cella deixava justamente sobre a cerca do convento.

A cerca era um largo paralelogrammo coberto de herba de um verde muito intenso e muito víçoso. Platônos verdadeiramente seculares elevavam com pompa a sua maria frondosa, castanheiros destacavam-se como velhos guardiões, de corpulência pesada, os troncos magestosos e a folhagem de um escuro pronunciado; algumas larangerias mostravam a espacos bellos pomos amarelos, e entre este oceano compacto de vegetação antiga, macieiras em flor punham um discordante alegre com a extravagância dos seus ramos phantosiosos. Em baixo, fetos vigorosos irrompiam da herba e completavam com a gramma parasita aquelle vasto recinto abandonado, dando-lhe um tom selvagem e inculto a par da tristeza que parecia subir pelas altas e humidas paredes que o circundavam.

Era em fins de abril. A manhã estivera formosissima, e agora mesmo no resto do dia corria uma aragem morna, prenuncio do tempo quente. A tarde cabia n'uma serenidade encantadora.

Pra além da cerca, por cima do arvoredo, o azul do céo tinha um colorido quasi diaphano, muito transparente, e estendia-se por toda a abóbada; os montes retirados e uma ou outra arvore faziam no horizonte lavado uma silhouette prolunda; muito ao longe, pequenas nuvens esguias e escutadas jaziam horizontalmente imóveis. Morcegos esvojavam e como que espiacados batiam contra as janellas denegridas do convento. Ouviam-se trinados de passaros que se abrigavam, gorgoneando contentes.

Perdi d'ali, n'um charco, rãs couxavam n'um alarido confuso. Como um ruído agradável, ás vezes vinha dos campos o canto dos insetos que principiavam a aparecer.

Eram os únicos sons que cortavam apparentemente a paz da natureza, mas que o casarão sombrio e triste do convento tornava mais sensível.

Ella estava por dentro da sua grade de ferro, encostando-lhe a cabeça mimosa toda concentrada n'uma reverie inexplicável.

Fôra n'uma d'aquellas tardes tão serenas que ella o viria passar na grande avenida do Palacio, e nesse dia fazia um anno certo que se tinham separado. Pobre rapariga!

Mas porque razão a meteram ali n'aquelle convento, dentro d'aquelles muros humidos e antigos, entre dez mulheres velhas e doentes?

Por o ter amado?

A tia Genoveva essa é que tivera a culpa; chamaria a Alberto um ateu, um perdido, um devasso. Que não! mil vezes a morte... tal casamento...

Exposera a tia a ideia do convento: « a rapariga não deve andar assim; ás duas por tres pôde fugir... e depois quem paga as favas somos nós. E' menina a em lugar seguro » — dizia. A mãe aprovava.

Então forçada, violentada, foi mandada entrar para o convento, e ella alli estava só, sem o seu querido Alberto.

Os olhos humedeciam-se-lhe; pequenas lágrimas caíam pelas suas faces pallidas e um leve suspiro alejava-lhe as ondulações suaves dos peitos. Inclinava então a cabecinha sympathetic, e erguia os olhos rasgados para os misterios infinitos do azul celeste, na esperança de um conforto divino.

O socego completo da tarde, aquella calmaria da natureza, vinham dar azas à sentimentalidade do seu coração, e o lyrismo d'aquela paixão tão natural.

Veio para dentro, e de joelhos ao pé do seu pequeno leito de ferro, voltou-se para um crucifixo de metal em que um Christo exhibia as suas fôrmas esqueléticas.

Tinha esperança no seu Deus, resava-lhe todos os dias muito, enchia-o de beijos, punha-se a olhal-o indefinidamente, sorria-lhe, e a sua imaginação exaltada fazia-lhe ver o Christo descendendo da cruz, em tamanho natural, todo coberto de chagas e todo bondade, a vir fallar-lhe do seu amor, d'ella, da sua felicidade, do seu Alberto. Depois a febre passava, e o Christo lá ficava immovel na sua pequena cruz, pregado como tres pregos ordinários, entre as suas pequenas mãos de mulher adorável.

De joelhos, estendeu-lhe os braços a evocá-lo; sabiam-lhe muito torneados, muito brancos, de dentro das suas largas mangas de panno negro. Que contraste?

Resava depois muito, impacientemente, corando a oração de desejos, de pedidos, humilde, toda submissa. Queria-o ver, queria que Deus a tirasse d'ali para fôra.

Depois d'uma pequena pausa, olhou para o seu Deus e viu-o impassível, quieto, dependurado à cabecinha do leito, na mesmo sitio, como sempre. Descreu então, n'este esforço supremo, n'esta esperança vã.

Para que servia o Deus? Não era para consolar os aflictos, não era para secar as lagrimas dos peccadores, para prodigalizar o seu amor e a sua bondade aos infelizes, para semear de rosas o caminho da virtude?

Mas ella, a Rosina, que tanto pedia, que tanto chorava, tão infeliz, tão desgraçada, porque não a ouvia elle? Era preciso realmente ser muito peccadora para ficar a sós com as suas dôres e os seus remorsos.

Mas pecar, porque? Por amar? Mas se ella nos seus livros d'orações, nas suas rezas encontrava a cada passo o amor, porque sória peccava o amar, amar perdidamente um bello rapaz?

Necessariamente o seu amor era um amor impuro. Fazia esforços para comprehender a razão porque Deus não a ouvia e a castigava.

Impuro o seu amor? Mas ella queria-lhe, adorava-o, ambicionava-lhe todas as suas felicidades, queria só vê-lo, só falar-lhe, ler as suas boas cartas sinceras, surprehender os seus modestos presentes, queria, quando podesse casar com elle, fazer um lar honesto, todo paz, todo aconchego, educar bem os bêbés e agora perdida n'aquelle convento frio, a definhar-se, a estragar-se, a tornar-se estéril. Que fazia ella alli? No meio de velhas rabujentas e rheumatizas obedecia machinalmente ás orações, mais por habito, que por devoção, para conformar-se.

Abandonada da sociedade e da família, sentia o tédio e a doença invadirem-lhe o ser. As bellas cores rosadas desappareciam, tornava-se mais pallida, saliencias ossosas appareciam já pela cara e pelo corpo. Evidentemente aquillo matava-a.

Que fazer? Escrever á familia, dixer-lhe o que fazia, as suas doenças, a sua morte proxima?

Já o tinha feito e recebera por unica resposta « que se deixasse estar, que estava bem » Isto exasperou-a.

Voltar-se então para Deus?



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — UMA SCENA DO REI DE DUONG, PEÇA REPRESENTADA NO THEATRO ANNAMITA DA ESPLANADA DOS INVALIDOS



ESPECTACULOS PARISIENSES. — NO HIPPODROMU. — O LEÃO, O CAVALLO E O CÃO.

Já o tinha feito todos os dias, mas elle não lhe respondia. Desprezava-n, — pensava.

Rosina estava de joelhos no chão, os braços estendidos sobre a cama, a cabeça escondida. Este turbilhão confuso de ideias atormentava-a, alucinava-a.

« E' o meu castigo! E' o meu castigo! Meu Deus, como sou desgraçada! » — soluçava baixo. Fóra, no corredor, passos arrastados de freiras ouviam-se.

O sino tocou às Ave Marias n'um som lugubre de bronze rachado, la-se para o côro.

Rosina levantou-se rapidamente, olhou em volta da sua pequena cela já envolta na obscuridade, a procura do rosário de pau santo. Tinha os olhos inflamados de chorar.

De fôra vinha dos montes um cheiro agradável a feno, a herbas aromáticas.

Rosina ficou segundos a contemplar a natureza que se obscurecia já.

Um morcego batia fortemente as suas grandes asas em frente da janelas, e ao longo n'um grande soeço espiritual que encantava, os extensos campos d'milho e as searas coloriam-se levemente da claridade misteriosa do luar.

Porto, 1881.

XAVIER PINHEIRO.



## ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

### N'UM ALBUM

*Mal sabes, nem eu posso descrever-te  
Esta minha fatal melanolia.  
Não me lembra de ver romper o dia.  
N'esta alma é sempre noite, mas do ver-te  
Porque será que a mim se me converte  
O pranto em riso, a mágoa em alegria?  
Não serás tu o sol que me alumia?...*

João de Dapsey.

## PRIMAVERA

*A primavera sonora  
Montou aos homens de Abril;  
Deixou a neve lá fôr.  
E pôz um cinto de anil.*

*Ela : cavala triunfante  
O docc Mêz luminoso :  
Ri, com dentes de diamante.  
Um grande riso glorioso.*

*Faz figas no frio. Canta  
Como um namorado. E tanta,  
Tanta cantiga desfolha,*

*Que fica o chão todo flores,  
Todo aroma, todo cores,  
Onde a sua voz abrolha !*

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

## METEM PSYCHOSE

*Da morte os mudos fáramos entrando,  
(Dizia alguém que o meu pensar vertia)  
Em que me hei de tornar, não me tornando  
Mais d' mesma existencia e ao mesmo dia?  
Seja perola ou musgo, ali miserando!  
Arvore seja de expressura fria,  
Com tanto que esse olhar que me allumia  
Proximo o sinto, à minha dor falando.*

*Seja o ar que ella aspira; eterno a vel-a  
Todo a queimar-me na saudade ardente,  
Tendo-a tão longe, seja a luz da estrela!*

*Mas meu desejo, meu maior desejo,  
E' ser a agua d'un lago transparente  
Para a sombra beber-lhe beijo a beijo.  
Rio de Janeiro.*

ALBERTO DE OLIVEIRA.



## A REVISTA DAS REVISTAS

### A ELECTRICIDADE

**L**ODGE, a quem se devem os recentes estudos sobre as descargas eléctricas, publicou uma série de artigos em que traçou as suas opiniões acerca da electricidade, dando conta ao mesmo tempo dos resultados principais dos últimos trabalhos que podem tirar algumas dúvidas.

Como bem se comprehende, um estudo d'esta ordem é incômodo de dificuldades, porque, diga-se o que se disser, a natureza íntima da electricidade está ainda averiguada.

Entre as experiências que M. Lodge cita a propósito de muitas outras que elle efectuou, para derramar alguma luz sobre diferentes pontos obscuros, mencionaremos a seguinte que, embora dubitativa, nos parece ser muito interessante.

Sabe-se que a luz exerce grande influência na condutibilidade do selénio; pois bem, tratando M. Lodge de experimentar se nos electrolytos se produziria efeito análogo, verificou que um líquido contido em um tubo de ensaio imerso em água a fervor, conduzia muito melhor a electricidade quando as janelas estavam abertas do que quando estavam fechadas. Observa o autor que este efeito pode ser devido à ação da luz difusa, visto como, para obtê-lo, basta o aumento de 1/10 de grau. Note-se que a absorção da luz natural basta para produzir um aumento de temperatura apreciável no thermometer, ainda mesmo que este se acha imerso em água a fervor.

Vale a pena prosseguir n'essas experiências, porque elas podem conduzir a uma solução definitiva da questão.

Não seguiremos o autor nas suas curiosas investigações;简temos simplesmente algumas palavras acerca das conclusões a que chegou, se conclusões podemos chamar a um conjunto de factos cujo alcance aumenta de dia para dia. Um livro que trate de electricidade, diz o autor, deve principalmente por em evidência os últimos progressos científicos e preparar o espírito do leitor para a realização de novos descobrimentos, que não tardarão a efectuar-se.

Fundando-se em ensaios análogos aos de M. Herz, anuncia M. Lodge que se chegará a provar de modo inquestionável a relação íntima que existe entre a electricidade e a luz.

Conhecem d' mais os leitores essas curiosas experiências para que n'ellas insistimos;简litar-nos-hemos portanto a descrever un novo ensaio de M. Herz.

Tomando-se um cilindro de latão de 3 x 4 centímetros de diâmetro e 30 de comprimento proximamente, dividido em duas partes por um interruptor de faiscas, e fazendo comunicar as duas partes com os extremos de uma pequena bobina, cada fiação d'esta última faz variar a carga no cilindro cerca de 500 milhão de vezes por segundo. Estas oscilações causam uma perturbação do ether equivalente a um raio de luz polarizado verticalmente, pois a ampliação da onda tem proximamente o duplo do comprimento do cilindro.

As radiações emitidas d'este modo podem ser reflectidas por superfícies planas e condutoras, como também podem concentrar-se por espelhos parabólicos metálicos. O espelho empregado é um grande cilindro parabólico formado de folhas de zinco, e o appareil oscillatório está encaixado ao longo do eixo local.

Com esta disposição pôde observar-se o efeito da onda a certa distância. O appareil receptor consiste em um conductor symetrico com interruptor das faiscas microscópicas através do qual se observa a falsa induzida. Empregando um segundo espelho idêntico, para fazer convergir os raios paralelos emitidos pelo primeiro espelho, pode-se apreciar o efeito à distância de uns vinte metros.

Se movermos o espelho até formar angulo recto,

o poder convergente para esta espécie de radiação deixa de manifestar-se.

Estas radiações propagam-se em linha recta, o que se pôde provar intercalando uma série de diaphragmas com orifícios que se correspondem.

As grades metálicas são transparentes para essas ondas, quando a direcção das travessas é perpendicular às ondulações eléctricas; mas as ondas reflectem-se quando se faz girar o sistema de 90 graus, de modo que as oscilações se focam na mesma direcção dos fios condutores. Este sistema é pois uma espécie de analisador que accusa a existência da luz polarizada. O mesmo receptor obra como tal, porque se se faz girar demasiado, a perturbação não se verifica.

Os diaphragmas metálicos, embora muito delgados, são opacos para a radiação eléctrica; mas os diaphragmas de material mau condutor, como madeira secca, pouquíssimo interrompem as ondulações.

Notou M. Herz, não sem estranheza, que a porta que separava a sala, onde se achava o manancial radiante, da que continha o receptor, podia fechar-se sem interceptar a comunicação. As faiscas secundárias apareceram sempre.

**PO'D ARROZ RUSSO**  
*Aderezo, Sazonante, Ingrediente  
PREPARADA POR VIOLET  
29, Boulevard des Italiens, PARIS*

### NOTAS

Encontramos n'um jornal estrangeiro os seguintes dados curiosíssimos sobre as transformações por que tem passado o mundo desde 1829 até 1878 :

Em 1829 foi separada a Grécia da Turquia e constituiu a sua independência pelo tratado de Andriopóles, que a Europa reconheceu e proclamou em 3 de fevereiro de 1830.

A Moldavia, a Valachia e a Sérvia constituem-se em principados autónomos debaixo do protectorado da Turquia, cedendo esta à Russia as Bocas do Danúbio.

Em 1830 a Bélgica separou-se da Holanda e foi reconhecida independente depois de largas conferências realizadas em Londres em junho de 1831.

Em 1831 foi suprimido o reino da Polónia.

Em 1834, o principado de Dicthember, situado ao N. E. da Bavira, foi reunido à Russia.

Em 1846, a república de Cracovia foi incorporada aos estados da Áustria.

Em 1848, o principado de Neufchâtel, que em 1814 havia sido ligado à coroa da Prússia, como principado vassalo, declarou-se independente e passou a cantão livre da confederação Helvética. Foi reconhecida a sua independência pelo rei da Prússia em 1857.

O principado de Hohenzollern-Hecchingen, encravado no reino de Wurttemberg, foi anexado aos estados prussianos, havendo cedido o príncipe reinante os seus direitos ao rei da Prússia.

Em 1853, as terras de Jade são compradas pela Prússia.

Em 1856, a parte meridional de Bessarabia, que costela o Danúbio, é tirada à Russia e dada à Moldávia.

Em 1859, a Lombardia, sem Ma. tua, é abandonada pela Áustria a Napoleão III, que por sua vez se cele o rei da Sardenha.

Em 1860, os duados de Modena o gran duado da Toscana, a Rumania, a Umbria e Marcia, que faziam parte dos estados do Papa, e o reino de Nápoles e Sicília são anexados ao Piemonte. O condado de Niza e Saboya são cedidos à França pelo Piemonte.

Em 1861, o reino de Itália é constituído pela reunião dos estados antes separados excepto os estados da Egréa, que comprehendem o patrimônio de S. Pedro.

Em 1861, a Valachia e a Moldavia reunem-se com o nome de Rumania.

Em 1862, o valle de Dapsey é dividido entre a França e a Suíça.

Em 1864, as ilhas Jonias, que formavam uma república sob o protectorado da Inglaterra, são dadas à Grécia.

Em 1865 o reino de Hannover, o duado de Nassau, o eleitorado de Hesse, Frankfurt e alguns territórios da Baviera, Schleswig e Holstein são incorporados na Prússia.

Funda-se a confederação da Alemanha do Norte, Veneza e Mantua são cedidas à Itália.

Em 1870, o patrimônio de S. Pedro é encorporado na Itália.

Em 1871, a Alsácia, menos Belfort e uma parte de Lorena, são anexadas ao império alemão.

Em 1874, procede-se a uma rectificação da fronteira do Tessino, entre a Itália e Suíça.

Em 1878, a Dobruja é dada em troca da Bessarabia meridional, para Rússia e Rumania.

Finalmente, Adakach (ilha do Danúbio) e Sipizza, porto do Adriático, são adquiridos pela Áustria.

## PARIS

30, RUE MONTLUCON, 30

## GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, logo da Ópera, das principais avenidas, lojas, jardins da Cidade, dos bairros, das grandes atrações, é o mais concorrido e preferido pelas viagens estrangeiras e portuguesas, em razão da modéstia do preço e das comodidades que oferece.

LAPERRE.

SÁBIO REAL | VCOLETTI | SÁBIO  
DE THRIDAGE | União Inventor | VELOUTINE  
Inventado por autoridades cívicas para a Higiene da Pele e Utilidade Cívica.

As propriedades maravilhosas do ELIXIR GREZ nas doenças do estomago, justificam o sucesso d'este preparado toni-digestivo empregado em todos os hospitais.

# BON MARCHÉ

Casa reconhecida  
à mais alta classe d'este mundo  
para qualidades e à menor  
preço de todas as suas  
merchandises.

Casa Aristide Boucicaut

## PARIS

Armazéns de vanguarda, mantido em todos  
os seus artigos, o melhoramento a mais exemplo  
o mais rico e o mais elegante

Toda a mercadoria  
que exporta de França  
não é respondida garantida  
dada e deixada no comércio  
não tem dificuldade.

Sedas, Lin, Fumélias, Chires, Tecidos de Linho e algodão, Repoussés, Tuleles e guardanapos, Vestuário para senhoras e meninos, Salões, Jóias, Pelos, Roupa feita para homens e mulheres, Chapeus, Modas, Calçado, Roupa branca feita para senhoras e meninas, Roupas para hóspedes e casamentos, Cobrir para homens e mulheres, Móveis, Tapetes, Artesanato de rama, Cobertores, Artesanato de madeira, Kitas Rendas, Lenços, Luvas, Meias, Guarda-chuvas, Legumes, Perfumaria, etc., etc.

O sistema de vender tudo com preços baixos e intercambiáveis, é confundir a absoluta novidade armazém BON MARCHÉ. Esta princípio sincero e levemente aplicado, lhe vata um sucesso não intercomparável e sem precedentes.

Enviamos gratuitamente, 100 páginas, no mundo inteiro, todas as amostras, catálogos, prospectos, álbuns, etc. Kapelletón gratis de frete, de encomenda a partir de 25 francos.

Os armazéns do Bon Marché especialmente construídos, para um comércio de novidades em grande escala, são os maiores, os mais bem organizados, a bem organizados, oferecendo tudo quanto se experimenta pode produzir de mais comodidade e conforto, e não por isso diminuindo curiosidades de Paris, interposta em todas as linhas acham-se a disposição dos Bajocageiros, desejem visitar os Armazéns do Bon Marché e suas dependências.

O Bon Marché é par exibida, a casa freqüentada pelos Portugueses e Brasileiros residentes em Paris ou vinjando pelo continente europeu. Ele respeita-se por menor essa preferência, e o seu numero sucessivo, algum dia recorreu, que são considerados, lhe permitem cada dia de realização novas progressões a oferecer, mais que nunca, este tipo de ELYXIR, todas as vantagens, e todos os alternativos, só que é de preparado a frascos.

A casa do Bon Marché não tem agências ou representantes nem em França, nem em Estrangeiro, e rego mor temos Prezzeiros de dez milhares dos mercadores que se servem do seu título para estabelecer uma confusão.

O Bon Marché figura na Exposição Universal de 1867, 1<sup>ª</sup> classe, il: Móveis, Repoussés, e Bordados artísticos; 2<sup>ª</sup> classe, 15: Roupa branca para senhoras, homens e crianças; 3<sup>ª</sup> classe, 36: Roupas para senhoras e meninas, Roupa feita para homens e mulheres; 4<sup>ª</sup> no Exposição do Economia social.

As exposições para o París, tal podendo ser pagas se receber a mercadoria, rogamos à nossa Prezzeiro de nos enviar, com a encomenda, o importe das artigos, encomendando-lhe o seu encarregado, a Frete. Toda a expedição de um valor de 50 francos será feita gratis quanto seja o valor da sua encomenda. Se a expedição necessitar mais de uma carta postal a franquia seja imediatamente repelida quando seja o valor da sua encomenda (as cartas postais expedidas, devem o peso de 3 gramas, o comprimento de 10 centímetros e o volume de 10 decímetros cúbicos). Para as mercadorias não destinadas a expedições em cartas postais, todas encomendadas de 25 francos enviadas gratis de frato até o porto de embarque, salvo as novas, artigos de cama e certos artigos pesados ou ocupando lugar que não excepcional de toda franquia.

As expedições para os Colonos Portugueses, são pagadas se pagas se receber a mercadoria, rogamos à nossa Prezzeiro de nos enviar, com a encomenda, o importe das artigos, encomendando-lhe o seu encarregado, a Frete. Toda a expedição de um valor de 50 francos será feita gratis quanto seja o valor da sua encomenda. Se a expedição necessitar mais de uma carta postal a franquia seja imediatamente repelida quando seja o valor da sua encomenda (as cartas postais expedidas, devem o peso de 3 gramas, o comprimento de 10 centímetros e o volume de 10 decímetros cúbicos). Para as mercadorias não destinadas a expedições em cartas postais, todas encomendadas de 25 francos enviadas gratis de frato até o porto de embarque, salvo as novas, artigos de cama e certos artigos pesados ou ocupando lugar que não excepcional de toda franquia.

DIGESTOES DOENÇAS do ESTOMAGO  
DIFFÍCILES IDROGENICAS do ESTOMAGO GASTRALGIA ANEMIA  
Dyspepsia Parda Vomitos Diarréia chronică  
Parda de Appetite Elixir GREZ

TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPTINA  
ADOPTO-SE EM TODOS OS HOSPITAIS - Medicação de Ouro e Diploma de Honra  
PARIS - GREZ, 34, Rue La Bruyère, e em todas as Farmácias

## ASTHMA E CATARRHO

Carapina, Cúrcuma, etc. Em França  
com os CIGARROS ESPIC  
Opções, Tonics, Complimenes, Neurálgicas  
Potion, Pánico, etc. Venda por grama,  
Liquido, em gotas, etc. Cigarro não contém nenhuma substância tóxica.



EXPOSIÇÃO DE PARIS 1878  
Medalha de Ouro - Prêmio Chevalier  
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

Nova Criação

## PRIMAVERA E COURTRY

Inventor de la

PERFUMARIA ESPECIAL DE LACTÉMIA

Na apresentação do alto marcado.

Sabonete, PRIMAVERA

Óleo, PRIMAVERA

Agua do Tonador PRIMAVERA

Essencia, PRIMAVERA

Pó de Atroz, PRIMAVERA

FABRICA E DÉPÔSITO:

PARIS 13, Rue du Temple, 13 PARIS

Aberto a todos os tipos de negócios.

## OLEO DE HOGG

de PICADO FRESCO de BACALHAU

NATURAL e MEDICINAL

Recomendado deslo. 40 ANNOS, em  
Portugal, Inglaterra, Hispania, Portugal,  
Brasil, Republicas Hispano-Americanas, pelos principais me-  
dicos do mundo, contra as Mo-  
lestias do Peito, Tosse, Crianças  
franzinhas, Tumores, Irrupções  
da Célula, Passões fracos, Flores-  
brancos, etc. O Oleo de Bacalhau  
de Hogg é o mais rico em princi-  
pios activos.

Venda em frascos TRIANGULARES,  
Eduardo, 12, rue de la Paix,  
do Estado Francês.

Unico Proprietário: HOGG, 2, rue Castiglione, PARIS  
e em TODAS AS PHARMACIAS

FRANCK

## VERDADEIROS GRÃOS DE SAÚDE DO FRANCK

Grãos, Trigo, Milho, Fuba-

Grãos, Farinha de Arroz, Farinha,

Farinha de milho, Farinha de

farinha de milho amassada a rala mola.

Existe no ALIMENTARIAZ 2000 com

o nome de FRANCK.

París, 12, Rue Auber.

## VINHO de MILLET

Chalybe, Balsámico

Tónico superior: é uma elixir cura

na Anemia, Fibrose, Prostática, Im-

fertil, Febris, Bronquite chronică,

Doenças mentais e nervosas.

PRECIO 3 FRANCOS. O FRASCO

remessa para o estrangeiro por 7 Fr.

DEPÓSITO:

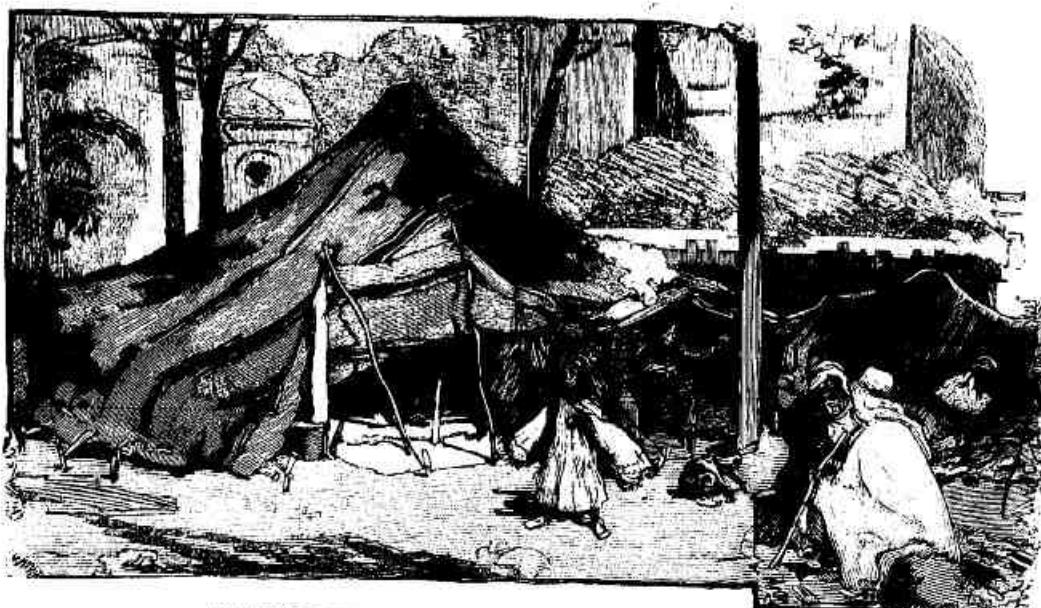
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

GRANDES FARMACIAS

de Paris, 12, Rue Auber.

ESPARTILHOS

PARIS 12, Rue Auber



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — CABANA DOS KAHYLES NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

# GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua do Colonia Imperial. — Specchetti, sabonetes de banho. — Creme Jacobino (*Ambrosial Cream*) cristalizado. — Gremo de Marrocos para amarrar a pollo. — Pó de Cypress para desodorizantes. — Málboro — Martin Christina. — Peru Rain. — Flambante de Cistre. — Hattatroy breves. — Imperiale Branca. — Imperial Russo. — Imperial do Brasil, para o lenço. — Aqua do Colonia Imperial. — Álcoolato de Eucaliptaria, para o dco.

**Interessante Descoberta Parisiense  
da PARFUMERIE-ORIZA  
de L. LEGRAND, 201, Rue St-Honoré, PARIS**

**PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS**  
**12 PERFUMES  
DECÍGIOSOS**  
Sob forma de Lapis  
e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objetos para  
perfumar os instantaneamente.

**LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:**

VIOLETTE DU CZAR.	JOCKEY-CLUB Bouquet.
JASMIN D'ESPAGNE.	GIGONMAX id.
HELIOTROPE BLANC.	CAROLINE id.
LILAS DE MAI.	MIGNARDISE id.
FOIN COUPE.	IMPÉRATRICE id.
ORIZA LYS.	ORIZA-DERBY id.

**DESENCOFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES**  
A todos os Perfumistas e Cabeleireiros

## T. JONES

23, Boul<sup>de</sup> des Capucines, 23

### PARIS

Fabricante  
de Perfumaria Inglesa  
EXTRA-FINA

### Extractos compostos

IMPERIAL RUSSE

EGG BOUQUET

VICTORIA

CAPRICE

CHYPRE

FEUFEU

PARIS

W. H. Jones

etc.

## T. JONES

23, Boul<sup>de</sup> des Capucines, 23

### PARIS

Fabricante  
de Perfumaria Inglesa  
EXTRA-FINA

### Extractos compostos

BREATHING NEW

NEW BORN NEW

STEPHANOIS

ODORONIS

VIOLETS

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

Especialidades  
de  
T. JONES

### Fluide Latif

Produção sem igual para amaciar  
e preservar a pele qualquer irritação.

### La Juvenile

Pó sem veneno mistura clínica para os  
cuidados de rosto adherente e invisível.

### Lily Wash

Para emborrachar e branquear o Pescoco e Homens

### Latif Cream

Conserva-se perfeitamente sob todos os climas.

Sua origem a todos os Cold-Cream conhecidos.

### Aqua de Toilette Jones

Tonica e Refrescante.

### Elixir e Pasta Samohti

Dentífrico antiseptico, Branqueia os dentes, impede a carie e a tartárea.

## CALLIFLORE PATE AGNEL

Amigdalina & Glycerina

Este excelente Cosmético branqueia  
e amadeixa a pele, preservando o Cleiro.  
Irritações e Comichões formando-a  
solidificada; pelo que resiste às más  
dias solides e transparente as roupas.

**AGNEL**, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FABRICA & EXPEDIÇÕES : 16, AVENUE DE L'OPERA

LISBOA. — MM. V<sup>o</sup> CASTAN José da Costa e P<sup>r</sup>, rua Nova do Carvalho, 68 a 73.

## FERRO QUEVENNE

Este é preparado pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, para: Anemia, Pobresa do Sangue, Fluxo  
branco, perdas. Enjoos Sólos UNIÃO DOS FABRICANTES - 14, rue des Beaux-Arts, PARIS e Ph. 50 ANOS  
da SUCESSO

## A PASTA EPILATORIA DUSSER

Desenvolvida por **Perfumaria Dusser** da Lourinhã, Régua, etc., dos rios das fozes, sem nenhum inconveniente para a pele mais delicada. **SOANOS DEXICO**. Eletricidade e compreensão  
na Reprodução, Praticando o Exercício das massas muscularmente, Utilizadas de afastados, & o auxílio de instrumentos. Notabilidades do Corpo Médico, praticam a eletricidade e magnetismo  
desenvolvendo a sua invencional. Tomam um cátodo para o bruto, e óxido de carbono para um pequeno bloco. **O PILÓFORO** é para os braços, nos quais realizam desligamentos de ferro.

**DUSSER**, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS. — Lisboa : SOOFROY, BEIRAO, Farmacia ESTADIO & C<sup>o</sup>; a mai primitiva Perfumaria de Lisboa e do Brasil.

Le Gérant : P. MOUILLOT.

PARIS. — IMPRENSA P. MOUILLOT, 15, QUAI VOLTAIRE.